

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação- FAAC

“O Caipira Paulista no tempo de pós- modernização”

Relatório apresentado pela aluna  
Naomi Oliveira Corcova, RA:  
831344 como trabalho de  
conclusão de curso em Jornalismo  
no ano de 2011

Bauru  
2011

Aluna: Naomi Oliveira Corcovia  
RA: 831344

“O Caipira Paulista no tempo de pós- modernização”

Professor Orientador: Maximiliano Martin Vicente

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP

Relatório do Processo de Confecção da Reportagem “A Caminho da Cidade” apresentada como trabalho de conclusão de curso pela aluna Naomi Oliveira Corcovia no curso de Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP no ano de 2011.

Constituíram banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente (Depto. Ciências Humanas- UNESP)

---

Examinador 1: Prof. Dr. Luis Fernando da Silva (Depto. Ciências Humanas- UNESP)

---

Examinador 2: Prof. Ms. Cláudio Rodrigues Coração (Faculdades Integradas de Bauru)

---

Agradecimentos:

Aos meus pais, pelo auxílio e força moral de sempre;

Ao Max, pelo estímulo nunca negado, pelos conhecimentos compartilhados, pela confiança e presença durante os estudos para este trabalho;

A Luis Fernando e Cláudio Coração por terem aceitado de prontidão fazer parte da banca examinadora e por terem tornado o momento de apresentação tão calmo;

A Akemi, Selma e Michelly, colegas de classe que vão tanto fazer falta na vida de formada,

A Bruno Martins e José Aparecido da Silva, colegas que embora tenham deixado a UNESP, deixaram uma grande amizade e estima por toda a vida;

A todos os professores que tive, pois cada um foi constituindo, aos pouquinhos, partes da pessoa que sou hoje.

“Gosto de gente do interior  
Do jeito que essa gente diz que sente amor  
É amor pra sempre e pra nunca mais  
Pois não se esquece o que não se desfaz  
Quem tem o sol das manhãs  
E os pés descalços no chão  
Conhece a hora certa  
Na luz da porta aberta  
Tem sempre aberto o coração”  
(César Mercês/ Sérgio Magrão)

#### Resumo:

Este relatório ilustra o processo de confecção da Reportagem “A Caminho da Cidade”, apresentada como trabalho de conclusão de curso por Naomi Oliveira Corcovia.

No trabalho, buscamos elencar o quanto a urbanização, a industrialização e os processos “pós-modernos” influenciaram a vida e o comportamento do homem caipira habitante do interior do estado de São Paulo retratado nos livros de Cornélio Pires, Monteiro Lobato e pelas telenovelas, não sem antes identificar se este cidadão existe de verdade ou se faz parte de um estereótipo criado pelo senso comum.

#### Abstract:

This written report narrates the process of writing the report “A caminho da cidade” (in English: “Going to the city”), submitted as Final Papers by Naomi Oliveira Corcovia, Journalism Student at UNESP.

The author tries to elucidate how much the urbanization, the industrialization and other postmodern process have influenced São Paulo’s countrymen’s life and behavior. But before, the author studied the stereotype of the countrymen diffused by Media and Brazilian literature.

## Sumário:

|                                                      |    |
|------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                      | 08 |
| 1- Fundamentação Teórica .....                       | 10 |
| 2- Linguagem .....                                   | 23 |
| 3- Produção/ Autocrítica.....                        | 25 |
| 4- Anexos                                            |    |
| 4.1- Urupês, Monteiro Lobato.....                    | 27 |
| 4.2- Jéca Tatu- A Ressurreição, Monteiro Lobato..... | 37 |
| 4.3- O Caipira como ele é, Cornélio Pires.....       | 45 |
| 4.4- Imagens.....                                    | 56 |
| 5- Referências .....                                 | 57 |

## Introdução

A escolha de um tema como objeto de estudo e que, por consequência, vai servir de pauta para uma reportagem, não é simples. Primeiro porque escrever é difícil mesmo para quem escolheu as palavras como ofício, em segundo lugar porque o texto precisa de alguém para lê-lo para que cumpra suas funções- informar e, quem sabe, promover questionamentos, e para isso, o tema precisa ser atraente e apto a conquistar o maior número possível de leitores, outra missão complicada, pois afinal de contas, qual é o tema digno de discussão, relevante, prazeroso de escrever, viável nas condições de trabalho de conclusão de curso e capaz de agradar o maior número de pessoas possível?

Como a escolha ia acabar recaindo sobre mim, sem ter como ser diferente, optei pela Vida no Campo como tema, pela simples curiosidade de saber como vivem as pessoas que moram além dos limites da cidade e pela vontade de verificar se o estereótipo do caipira se aplica realmente às pessoas do campo. Seriam elas de fato ingênuas, preguiçosas e alheias ao resto do mundo como julgam por aí?

E mais, o fato de alguém viver no campo automaticamente confere a esta pessoa o título de caipira? Algum habitante da cidade também não pode ser considerado caipira por outras pessoas, dependendo da ocasião? Se a palavra “caipira” é mesmo carregada de imagens negativas como se pensa, como se explica o público urbano que frequenta os rodeios e o sucesso crescente de músicas sertanejas nas rádios de todo o Brasil?

Por questões desse tipo se nota que o tema gera muito a se pensar, começando por “quem é o caipira?”, seguindo-se de “existe ‘caipiridade’ urbana?”, e ainda “o Caipira dos filmes e livros existe mesmo ou é só uma imagem criada para entreter o público?”.

Acredito que este tema seja de interesse para muitas pessoas do interior paulista- os Caipiras- tantos aqueles que alegam não ser caipiras quanto os que assumem o título com orgulho. E mesmo quem mora nas grandes cidades, quem não curte rodeios ou o Sertanejo ou pelo menos conhece alguém que gosta? O texto vai servir também para mostrar como vive o camponês da atualidade, do século 21, se ele ainda é rústico ou se incorporou as tecnologias que surgiram.



E o tema ainda pode interessar a quem não é paulista e não entende muito de vida no campo, mas que gosta de um texto jornalístico abordando questões de sociologia e geografia ou a quem é curioso.

Durante a apresentação deste trabalho, a banca examinadora sugeriu uma explicação relacionada ao motivo da escolha do município de Piraju como cenário de vida caipira. Bom, num primeiro momento a escolha aconteceu por questões de facilidade de acesso: como pirajuense, realizar as entrevistas em Piraju e encontrar personagens no município seria mais fácil, rápido e compensador financeiramente. Entretanto, as facilidades não foram as únicas responsáveis pela definição de Piraju como cenário de minha reportagem, pois uma cidade de 29 mil habitantes de economia de base agrícola, com destaque para o café, e em cujas rádios o estilo sertanejo em suas várias correntes (do “de raiz” até o “universitário”) faz sucesso, não poderia passar despercebida na confecção deste material.

Procurei entrevistar trabalhadores rurais que não viviam fechados exclusivamente no campo, afinal de contas, esse tipo de “caipira” anda escasso. O pessoal “nascido” e “criado” na roça, ainda que trabalhe no campo, participa da vida urbana em determinados momentos. Como será observado na reportagem e adiante, na etapa de “Produção”, o personagem Flávio Biroqui trabalha como agricultor, habita os campos por opção e por preferência pela vida tranquila, mas viaja para a cidade semanalmente para comercializar seus produtos agrícolas na feira dominical.

O radialista Serginho Paulista, outro personagem da reportagem, sabe tanto lidar com os aparatos tecnológicos da modernidade quanto colher e saber das etapas de produção cafeeira. Além de tudo, não dispensa o uso do chapéu em cenário algum, seja campo, seja cidade.

Há ainda tipos declaradamente “caipiras urbanóides”, como o caso do jovem estudante Pietro Zanella.

O caso observado em Piraju pode não ocorrer em outros municípios, mas serve como base para se compreender o que vem ocorrendo com o homem do campo, sua tradição cultural e poder aquisitivo ao longo desses anos de desenvolvimento tecnológico, urbanização intensa e pós-industrialização, tempos estes conhecidos como “pós-modernidade”.

## 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quem é o Caipira de hoje, afinal?- O Caipira na academia e nas artes

Definir quem é caipira ou não na atualidade é uma tarefa complexa para quem pretende executá-la, tendo em vista as mudanças ocorridas no âmbito social nos últimos anos, como a industrialização e, em consequência desta, a urbanização.

O mais clássico estudo acerca do caipira paulista data de 1957: “Os Parceiros do Rio Bonito”, de Antônio Cândido. Neste livro, o autor analisou antropológica e sociologicamente o modo de vida dos moradores do município de Bofete, antigo município de Rio Bonito, concluindo que as cidades que abrem mão do jeito caipira de ser progridem economicamente, socialmente e de forma organizacional. Nesse contexto, as formas de vida simples características do jeito caipira de viver seriam uma espécie de entrave ao desenvolvimento.

O americano Donald Pierson, por sua vez, estudou o caipira paulista no livro “Cruz das Almas”, de 1951. No capítulo “Caipira versus Cidadão”, ele define o termo:

*“O termo “caipira” é usado na zona metropolitana de 2 diferentes maneiras: 1) como termo descritivo; 2) como termo de desaprovação e mesmo de ridicularização. Parece que originariamente tinha apenas função descritiva. Como tal, referia-se, no Estado de São Paulo, aos habitantes rurais do planalto, em contraste com os “caiçaras”, ou habitantes rurais do litoral.*

*Racialmente, o caipira é de origem indígena e europeia, também misturada, em graus que variam de zona para zona, com o africano. Sua cultura é algo diferente da cultura das cidades maiores, sendo uma das diferenças o seu dialeto. Essa cultura, entretanto, tem muita coisa em comum com a de outras zonas rurais de todo o Brasil. Na verdade, tende-se a empregar o termo “caipira” para todo habitante de qualquer parte do país, fora das cidades maiores. Entretanto, de todos, o homem que cultiva a terra é considerado o mais caipira.”*

Ainda neste capítulo, Pierson realiza várias pequenas entrevistas com pessoas de variadas idades e classes sociais com a pergunta: “Quem é o caipira, na sua opinião?”. Vejamos algumas respostas:

*“Empregada doméstica, de 15 anos de idade:*

*‘Caipira é gente bobo, que não fala as coisas direito; é gente que anda rindo à toa.’*

*Farmacêutico, de 68 anos:*

*‘Um caipira é o sujeito da roça, sem traquejo’*

*Dono de serraria, de 42 anos:*

*‘O caipira é um ignorante. Não tem noção de civilização’.*

*Dona de casa, de 40 anos:*

*‘Caipira é bicho do mato, acanhado, tímido, arisco, mexeriqueiro. Mora em geral numa casa de sopapo e é sujo.’*

*[...]*

*Moça, caixa, de 25 anos:*

*‘O caipira é o que na Europa seria chamado camponês, o trabalhador da terra. É indolente, subnutrido, doentio e, na maior parte, analfabeto’.*”

Uma breve entrevista com pessoas variadas em 2011 mostra outras opiniões [ou não] sobre o estereótipo do caipira:

*Moça, odontologista, 29 anos:*

*“Caipira é o jeca, o rústico, o simplório”*

*Garota, estudante do ensino médio, 17 anos:*

*“Caipira, pra mim, é uma imagem além do personagem do campo com seus acentuados... Eu uso caipira pra definir a pessoa que sabe quase nada de tecnologia, vive alheio a tudo. Quem não sabe ligar um celular ou - se empresta o de alguém - tem que pedir ajuda pra achar ‘onde que faz chamada?’. Ou atitudes embaraçosas, de*

espanto com algo novo: quando você chega numa casa de alguém mais rico e pensa ‘oooh’, fica maravilhado, você está sendo caipira.”

Homem, Odontologista, 59 anos:

“Caipira é o matuto, pessoa do mato que mora na zona rural, na roça, agricultor.”

Garoto, estudante universitário, 19 anos:

“Caipira é aquele que mora no interior, que ‘puxa o R’... Embora eu more numa cidade pequena eu não me considero um caipira necessariamente. Meu pai eu considero, ainda que ele não se vista de xadrez nem puxe muito o R ao falar. Ele é caipira pelos causos engraçados que gosta de contar, por gostar de comer ovo e frango caipira, por comer com colher... Minha mãe já não tem esses costumes, ela não é caipira. Eu me consideraria um caipira híbrido.”

Pelas definições acima, percebe-se que mesmo após 60 anos na história, a imagem que as pessoas têm acerca do caipira (como brega ou aquele que pratica atitudes grotescas) não sofreu grandes modificações, e poucas foram as tentativas se de fazer isso por parte dos estudiosos. Uma delas partiu de Carlos Rodrigues Brandão no livro “Os Caipiras de São Paulo”, de 1983. O livro é dividido em duas partes, uma delas dedicada ao “camponês caipira” e a segunda a “o trabalho da terra”.

Brandão cogita no primeiro capítulo com que nomes “reais” ou “ilusórios” os camponeses habitam o imaginário coletivo. Com base nas leituras que fez, o autor pretende em sua obra “corrigir uma imagem” feita pelas artes e estudos menos criteriosos, e, em seguida, explicar as condições que geraram que o caipira fosse como é.

Sobre a desmistificação dos estereótipos, ele diz:

*“(...) De uma primeira safra de nomes a respeito de quem é, o caipira sai como o viu e pensou uma gente letrada e urbana. Por*

*isso, comparado com o cidadão, o citadino livre do trabalho com a terra, o caipira sai dito pelo que não é e adjetivado pelo que não tem. Ele é ponto por ponto a face negada do homem burguês e se define pelas caricaturas que de longe a cidade faz dele, para estabelecer, através da própria diferença entre um tipo de pessoa e a outra, a sua grandeza. Separado do trabalho e de uma cultura derivada de um tipo de trabalho, o caipira paulista define-se primeiro por ser naturalmente do lugar onde vive: o campo, a roça, o sertão, a mata, o lugar oposto à cidade. É quem 'não mora na povoação' e, portanto, aquele que não possui o preparo e as qualidades do homem da cidade, o civilizador, de quem a seu modo o caipira escapa, tanto quanto o índio e mais do que o negro. Se o seu lugar de vida é o contrário do da cidade e o seu trabalho é invisível, por ser oposto ao 'da cidade', o seu modo de ser e a cultura são o oposto do que a cidade considera 'civilização', 'civilizado'. Por isso, a meio caminho entre o bugre e o branco, o 'caipira', 'caboclo' é ignorante, 'sem trato', ou seja, sem aquilo que, ao ver do tempo, apenas a distância do cativo da terra pode atribuir ao homem 'de trato', o senhor e seus emissários."*

Não só os acadêmicos trataram o tema do caipira paulista. A literatura brasileira, em especial a regionalista do começo do século XX lançaram este personagem em suas histórias, além dos filmes de Amácio Mazzaropi, que divertiram gerações com o caipira "jeca", inculto, ingênuo e estereotipado. Mas como foi essa "transferência" do homem do campo para as telas de cinema e para as páginas dos livros de literatura?

Ocorre que, após a proclamação da independência brasileira, a literatura, na época vivendo sua fase romântica, criou o índio idealizado: forte, belo, honesto, corajoso, possuidor de todas as características que a intelectualidade gostaria de atribuir ao povo brasileiro. O índio, nesse contexto, simbolizava o brasileiro "puro" agora livre do domínio português.

Já no período da modernização do país, no início do século XX, houve a necessidade de se padronizar uma nova imagem para o brasileiro "puro", aquele que

resistia frente à industrialização e cultivava suas raízes com base na agricultura e na rusticidade. Estava pronto, assim, o estereótipo do Caipira. O Indianismo do período romântico dava espaço para o Sertanismo da modernidade.

Enid Yatsuda, em seu artigo “O caipira e os outros”, deixa explícita essa relação:

*“acontece que, em determinados momentos de nossa história, a situação social e política criou condições para que o orgulho nativista se manifestasse. Assim, na época da Independência, promovida, como se sabe, pela classe dos descendentes europeus que se enriquecera com a atividade agrícola e a mineração – classe acertadamente chamada de ‘dominada por fora e dominante por dentro’ -, elege-se o índio como símbolo de brasilidade, de antilusitanismo. Da mesma forma, quando os cafeicultores do Oeste paulista que tinham fomentado a industrialização se veem ameaçados pela mesma – agora predominantemente nas mãos de imigrantes: Matarazzo, Gamba, Crespi, Diederichsen, Lundgren, Klabin etc. -, dizem-se caboclos, caipiras e alçam o matuto à condição de símbolo da resistência. Resistência do campo, dos cafeicultores à cidade, à industrialização. Desse modo, o caipira é visto, à sua revelia, como portador de todos os valores referentes à terra.”*

Este caipira, também chamado de “matuto” e outros termos, foi na maioria das vezes retratado com um certo preconceito pela literatura e pelas pessoas “modernas”, de um modo geral.

Explica Enid Yatsuda:

*“[...]apenas muito recentemente notam-se tentativas de redimensionar o matuto, paralelamente ao desenvolvimento de uma consciência crítica que se pretende infensa ao etnocentrismo. Estudos sociológicos e antropológicos, ao relativizar ao extremo o conceito de cultura, permitiram que se olhasse para o tema a partir de novas angulações.”*

Antes que esses novos olhares sobre o caipira fossem lançados, havia o predomínio, no imaginário coletivo, do Caipira-Jéca Tatu, personagem de Monteiro Lobato (ver anexos). Jéca Tatu é o caipira indolente, preguiçoso, inocente, pobre, que fala errado.

Monteiro Lobato, embora nascido no interior de São Paulo, julgava o caipira um ser sem qualidades positivas, “incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci”, e foi com ironia e sarcasmo que o descreveu em sua obra adulta, notadamente nos contos “Urupês” e “Velha Praga”. (ver anexos)

No primeiro conto, Lobato apresenta o Jéca Tatu a seus leitores, o “simplificador da vida”, leigo em política, que devido ao clima brasileiro favorável à mandioca não evolui (“Talvez que sem ela se pusesse de pé e andasse”), bêbado (“rende homenagem à deusa Cachaça, divindade que entre eles ainda não encontrou heréticos”) etc. O Jéca Tatu de Monteiro Lobato é um personagem criado para simbolizar milhões de outros Jécas Tatus, os caipiras reais.

Caracterizando primordialmente o Caipira como preguiçoso, Lobato desconstrói o trabalhador do campo que encontramos no interior, descrito por Donald Pierson e Antônio Cândido nos estudos sociológicos que fizeram. Apesar dos dias de festa que ocorrem no campo, a rotina de trabalho é intensa, e além do trabalho nas colheitas, ocorrem os mutirões, quando os habitantes da vila se reúnem para realizar algum trabalho em cooperação com os outros.

O mutirão descrito no livro “Os Parceiros do Rio Bonito”, de Antônio Cândido, foi ilustrado no filme “Jéca Tatu”, do Mazzaropi. Quando a casa do Jéca pega fogo, os vizinhos se unem para ajuda-lo a construir uma casa nova. Por atitudes assim, evidencia-se a solicitude e o espírito solidário dos camponeses, características ignoradas por Monteiro Lobato.

No time daqueles que procuraram ilustrar o Caipira numa forma mais “positiva”, está Cornélio Pires. No prefácio de seu livro “Conversas ao Pé do Fogo”, o comentário do escritor Afonso Schmidt sintetiza: “(Cornélio Pires) escrevia a linguagem do povo e seus ‘causos’ regionais tinham uma autenticidade sem igual. Era o Brasil caipira em carne e osso. Mostrava que o caipira não era vadio, mas sim astuto e trabalhador. Nas empulhações, o caipira sempre levava a melhor”.

O conto “O Caipira como ele é”, conto de abertura de “Conversas ao Pé do Fogo”, assume a forma de ensaio, e nele há a definição de quem é o Caipira, segundo Pires:

*“Caipiras’... Mas que são os caipiras?*

*São os filhos das nossas brenhas, de nossos campos, de nossas montanhas e dos ubérrimos vales de nossos piscosos, caudalosos encachoeirados e inumeráveis rios, ‘acostelados’ de milhares de ribeirões e riachos.”*

Ainda no intuito de definir o Caipira, Cornélio Pires subdivide a “caipiragem” em “O Caipira branco”; “O Caipira Caboclo”; “O Caipira Preto” e “O Caipira Mulato”, caracterizando física e psicologicamente cada um desses caipiras.

Nota-se que as observações de Pires foram elaboradas a partir de seu conhecimento de vida e como folclorista, admirador dos habitantes do interior paulista. Os textos de Cornélio Pires pertencem à literatura e constituem anedotas, contos de humor, não há, portanto, rigor científico nesses “estudos”, fato notável pelo excesso de adjetivos e pela generalização das características atribuídas aos camponeses nos textos, como na frase abaixo:

“Dócil e amoroso é todo camponês; sincero e afetivo é o caipira”.

Sobre Cornélio Pires, Enid Yatsuda, ainda no artigo “O Caipira e os outros” afirma:

“Embora defina o caipira como trabalhador, Cornélio Pires em sua produção, mostra preferencialmente o lado jocoso, matreiro e mentiroso, o que, se radicalizarmos, poderá reafirmar o julgamento negativo que se tem do matuto”.

E não apenas na literatura do começo do século XX como também nas telenovelas de agora o Caipira aparece personagem cômico e com traços em comum aos estereótipos que temos em mente, ainda que em papéis principais.



Na telenovela “O Cravo e a Rosa” de 2001, escrita por Walcyr Carrasco, o protagonista Julião Petruchio, interpretado por Eduardo Moscovis, era um proprietário de fazenda e trabalhava na produção de leite e queijos. O linguajar de Petruchio era simples, assim como seus trajes. Apesar de ser um homem esperto, honesto e trabalhador, era rústico e sua maneira “caipira” de ser era levada para o lado cômico sempre que possível.

Vladimir Brichta interpretou o peão “caipira” Nélio, em 2002, na novela “Coração de Estudante”. Nélio fazia parte do eixo cômico da trama. Era o peão forte e sensual, trabalhador e honesto, porém ignorante e ingênuo. Num dos capítulos, Nélio “sequestra” Amelinha (Adriana Esteves), e, com a intenção de diverti-la, resolve cantar desafinadamente. Como a cena foi escrita para despertar o riso dos telespectadores, a música cantada por Nélio foi “Romaria”, de Renato Teixeira, especialmente o trecho: “Sou caipira pira pora/ Nossa Senhora de Aparecida”. Ressaltando que esta composição não é de uma música alegre ou engraçada, mas sim dramática. Nélio era um peão da sociedade atual, como marca da “caipiridade”, vestia chapéu de cowboy e botinas, mas como a sensualidade era traço marcante da personagem, calças e camisas justas compunham o restante do figurino.

Já na novela “Morde e Assopra”, de 2011, a “caipiridade” estava expressa pelo fazendeiro Abner, interpretado por Marcos Pasquim e pelo Sargento Xavier, personagem de Anderson di Rizzi. Assim como o Julião Petruchio de “O Cravo e a Rosa”, Abner era um homem íntegro e trabalhador. Seu aspecto cômico era ressaltado pelo seu linguajar e pela maneira rústica de ser, ao passo que o Sargento Xavier, diferentemente dos outros caipiras aqui descritos, não era um caipira rural, mas sim um caipira urbano. Trabalhava na delegacia da cidade fictícia de Preciosa, possuía uma maneira característica engraçada de falar e se vestia com calças de cós muito alto e gravatas curtas em ocasiões especiais.

O fato de uma novela retratar um caipira urbano como o Sargento Xavier traz à tona o questionamento do que define a “caipiridade”. É o fato de morar na campo? É o jeito de falar? É o modo de se vestir? É a rusticidade? Ou vários desses fatores combinados?

No glossário de brasileirismos que Cornélio Pires apresenta nas páginas finais de “Conversas ao Pé do Fogo”, o Caipira é definido como o lavrador, o roceiro, ou seja, aquele que lida com a terra. Mas atualmente, grande parte daqueles que trabalham com a terra optaram por viver na cidade, e mesmo quando ainda moram

no campo, visitam as cidades com mais frequência e já incorporaram objetos que antes só existiam no meio urbano na sua vida rural.

Franciele Aline Parrila, na sua dissertação de mestrado, estudou as representações do espaço rural e do espaço urbano nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, notando as peculiaridades do personagem “caipirinha” Chico Bento em comparação às personagens citadinas. Sobre as percepções acerca do caipira brasileiro, ela diz:

*“As percepções acerca do caipira foram elaboradas em meio aos debates sobre a identidade do povo brasileiro, eleito como genuíno representante da nação pelo regionalismo paulista. Dentre as imagens do tipo rural criadas neste período, as elaboradas pela literatura assumiram grande relevância, pois, segundo Antônio Cândido, foram as primeiras manifestações em direção ao conhecimento da sociedade brasileira. A literatura nacional preocupou-se em construir símbolos que trouxessem à tona imagens e tradições do país; preocupação que perpassou as produções do gênero desde a independência. Essa inquietação revelou-se tanto no sertanismo romântico quanto no regionalismo do período realista-naturalista.”*

Parrila aborda em sua tese a imagem das pessoas camponesas frente às urbanas, uma imagem permeada de estereótipos ou idealizações:

*“Em diversos momentos, o caipira aparece caracterizado como inculto, incapaz, atrasado, o que colabora para a difusão de um estereótipo do homem do campo permeado por preconceitos. Os espaços rural e urbano, como retratados na revista, parecem apresentar não somente uma oposição espacial, mas temporal, entre o presente e o passado, ou seja, entre o tempo do campo marcado pela natureza e outro da modernidade em que viveriam os citadinos. O retrato do campo é envolvido por uma aura de encantamento e de inocência, que contribuem para a sua idealização. Essa forma de apreender o tempo remete ao passado,*

*aos traços da cultura tradicional caipira, caracterizada por uma economia de subsistência e por uma estrutura de sociabilidade pautada no auxílio mútuo e nas atividades lúdico-religiosas; como se a estrutura pré-capitalista, que marcava os antigos bairros rurais paulistas, tivesse sobrevivido em algum lugar.”*

Em seu livro “Culturas híbridas”, especialmente nos capítulos “O porvir do passado” e “A encenação do popular”, Néstor García Canclini, tratando sobre folclore, diz que preservar o arcaico, como móveis e costumes, é uma tarefa sem outro fim “que o de guardar modelos estéticos e simbólicos”. Talvez essa idealização do campo que por vezes ocorre, se dê como tentativa de cuidar da imagem de um local que outrora foi responsável pelo desenvolvimento do país.

O campo aparece descrito na maioria das situações como símbolo de um lugar idealizado, sem poluição, sem barulho e sem trânsito caótico (contrapondo-se às grandes cidades) ou como um local de atraso, estacionado no tempo. Ambas essas definições não conferem com a realidade, visto que no estágio de modernização que a sociedade atingiu, a vida no campo difere-se da vida da cidade apenas por uma questão territorial, pois os equipamentos da modernidade, antenas parabólicas, computadores com acesso à Internet etc., já estão presentes no meio rural.

Milton Santos, com sua visão crítica, escreve em “O Espaço do Cidadão”:

*“Hoje, com a difusão dos valores distorcidos da modernidade, valores que são frequentemente dados como se fossem valores urbanos, a teia de relações outrora instalada nas cidades praticamente se estende a toda parte, com a industrialização da agricultura e a modernização do campo”.*

A modernização do campo, conforme muitos consideram, promove a mudança da cultura caipira tradicional, obviamente, associada a outros fatores da modernidade. Não apenas a instalação de luz elétrica e equipamentos eletrônicos ter se tornado possível no meio rural, o fato do campo não estar mais isolado facilita a integração dos camponeses com as pessoas urbanas, aproximando seu modo de vida. As redes de transporte mais eficientes e a popularização do carro próprio têm

um papel importante nesse sentido, além de que diversas prefeituras optam por ônibus que busquem e levem as crianças do campo para a escola na cidade em vez de manter uma escola nos sítios e fazendas para que as crianças, indo para a cidade diariamente e convivendo com crianças urbanas, não ocorra o isolamento do meio rural.

As mudanças das condições de vida no campo em termos materiais proporcionaram que mudanças nos âmbitos sociais. Como consequência, ocorreram mudanças também no conceito de identidade caipira.

Canclini esclarece:

*“as culturas camponesas e tradicionais já não representam a parte majoritária da cultura popular. Nas últimas décadas, as cidades latino-americanas passaram a conter entre 60 e 70% do total de habitantes. Mesmo nas zonas rurais, o folclore não tem hoje o caráter fechado e estável do universo arcaico, pois se desenvolve em meio às relações versáteis que as tradições tecem com a vida urbana, com as migrações, o turismo, a secularização e as opções simbólicas oferecidas tanto pelos meios eletrônicos quanto pelos novos movimentos religiosos ou pela reformulação dos antigos. Até os migrantes recentes, que mantém formas de sociabilidade e celebrações de origem camponesa, adquirem o caráter de ‘grupos urbanóides’”.*

Arão de Azevêdo Souza explica no artigo “Do discurso midiático a construção de uma identidade matuta: tensões entre mídia e literatura”:

*“Nos últimos anos, com a expansão do capitalismo favorecendo a locomoção das pessoas, seja através do avião, do ônibus e de outros transportes, e da popularização dos meios de comunicação de massa como a TV e a Internet, vários estudos sobre a identidade cultural e seu(s) conceito(s) foram travados. Mas o que todos concordam é que não há uma identidade integral, originária e unificada (...), o que há é uma pluralidade de identidades”.*

Definir quem é caipira ou não, nesse contexto, se torna ainda mais complexo do que antes. Se no passado havia o camponês rústico nos costumes isolado em sua fazenda, hoje em dia ele vai à cidade com frequência, estuda tanto quanto uma pessoa da cidade e convive com os mesmos equipamentos eletrônicos que existem no meio urbano.

Por que, então, o campo ainda é pensado como o exótico, como “arcaico” e o termo “caipira” ainda usado com conotação negativa?

Arão de Azevêdo e Souza afirma que essa realidade está mudando:

*“Atualmente, pessoas que tiveram contato com moradores da zona rural ou mesmo que têm a origem nesse espaço, muito embora tenham construído uma vida acadêmica nos grandes centros, defendem a bandeira de ser matuto. Cada vez mais professores universitários, médicos, advogados, entre outros, navegam pelo espaço da poesia e da literatura popular defendendo uma ‘identidade rural’. O que se percebe é que há uma procura por uma forma existencial muito ligada a valores constituídos a partir de uma memória social”.*

Já Canclini escreve que “o popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições. Segundo ele, não só no Brasil como em toda a América Latina, os povos costumam “recorrer ao riso para ter um trato menos angustiante com seu passado”. Rir da pobreza, da rusticidade e dos modos caipiras seriam, portanto, uma forma de apaziguar uma situação não tão favorável.

A identidade caipira, como outras identidades, segundo Cuche, é ressaltada pelas diferenças que possui em relação às outras. Afinal, a identidade social se baseia na diferença cultural. Cuche estuda as identidades pensando mais nas nacionalidades de todo o mundo, mas apliquemos a regra a esse nicho brasileiro, a “caipiragem”. Ser caipira ou não, resulta de um processo de identificação do indivíduo como tal. Sobre isso, fala Denys Cuche, mencionando Simon:

*“A identificação pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade. A identidade é sempre uma concessão, uma negociação*

*entre uma 'auto-identidade' definida por si mesmo e uma 'hetero-identidade' ou uma 'exo-identidade' definida pelos outros."*

Para muitas pessoas ainda hoje, o "caipira" faz as vezes de uma hetero-identidade, é o caso de quando algum morador da capital define o morador do interior como caipira mesmo que este nunca tenha visto uma horta de perto. E dependendo da auto-identidade do morador do interior, ser chamado de caipira pode soar como um elogio, indiferente ou como uma ofensa.

Assim como Denys Cuche, Stuart Hall também analisou as identidades culturais baseando seu estudo nas nacionalidades, no entanto, quando ele menciona o "descentramento" do indivíduo na pós-modernidade, ele possibilita que a gente compreenda melhor a dificuldade em definir quem é caipira ou não nessa época na qual o campo se modernizou e que a locomoção entre os espaços é extremamente facilitada. As identidades fragmentadas discutidas por Hall permitem que se compreenda uma pessoa extremamente urbana ouvindo música sertaneja de raiz ou um camponês dançando música tecno. Ouvir um determinado tipo de música, se vestir de determinada maneira não determina mais sua identidade. A identidade nesses casos é relacional (CUCHE, 1999).

## 2- Linguagem

*“Segundo Muniz Sodré, o estilo de um bom profissional de revista poderá ser definido como a técnica da isenção e do encantamento. ‘Um estilo que fica a meio caminho entre o discurso denotativo e a literatura, combinando, às vezes, os dois sistemas’. (...) No passado, muitas revistas como Life e Realidade, lançaram mão, com frequência, da estrutura do conto em suas reportagens. Não quer dizer que faziam literatura, exatamente. Do ponto de vista do profissional da palavra, há diferenças de perfil entre o escritor e o redator.*

*Para o redator, a linguagem é puro instrumento de pensamento, um meio de transmitir realidades. Para o escritor, ao contrário, a linguagem é um lugar dialético, em que as coisas se fazem e desfazem. Ou seja, o discurso literário está fundado na possibilidade de traduzir diferentes matizes do real. Sendo assim, a liberdade é total, inclusive para reinventar a própria linguagem. O jornalismo não. A base do discurso jornalístico é a simplicidade, a clara determinação do que tem correspondência com o real comum a todos, conforme nos diz Sodré, citando Roland Barthes”.*

Neste trecho do livro “O estilo magazine”, Sérgio Vilas Boas introduz o leitor à ideia geral de como pode ser um texto de revista, um texto diferenciado do jornalismo hard news do jornal diário e semelhante ao conto na utilização de recursos literários. Acredito que a aproximação com a literatura foi benéfica no caso da reportagem sobre Vida no Campo, pois tornou a Sociologia, a Antropologia, a Geografia e demais conceitos mais próximos do leitor comum, diferente dos livros de estudos especializados que li no decorrer do trabalho.

Nos livros de antropologia, não raro as falas do caipira apareceram entre aspas com um grifo nas palavras que eram pronunciadas erradas, como, por exemplo, a “casa de sopapo” e o “fala *dereito*” do livro de Donald Pierson. Porém, na reportagem, preferi não destacar o linguajar caipira, que muitas vezes as próprias pessoas das cidades utilizam por tendências naturais da língua como explica o

sociolinguista Marcos Bagno no livro “A Norma Oculta”. Andrey Aparecido Caetano Linhares escreve no estudo que fez acerca da linguagem caipira:

*“[a linguagem caipira] continua sendo ignorada como manifestação autêntica da cultura caipira e, por conseguinte, da nossa cultura regional; nos momentos em que aparece nos meios de comunicação, é apresentada de forma caricatural pelos humoristas que fazem personagens caipiras, o que só reforça a visão preconceituosa acerca dessa linguagem”.*

Utilizei o discurso indireto na reportagem, com a intenção de enfatizar as ideias daquilo que as pessoas disseram, e não as palavras exatas com que se expressaram, tirando o foco, portanto, da ideia de se o Caipira fala “errado” ou não.

Por se tratar de um texto jornalístico, optei por um estilo leve, com palavras simples, para que adolescentes e adultos pudessem ler, os primeiros compreendendo e os segundos sem achar medíocre.

No intuito também de manter a linguagem da reportagem semelhante à falada, preferi utilizar o pronome e tratamento “Seu” antes do nome dos entrevistados, já que eles são chamados assim por quem os conhece e escrever “fogão de lenha” a “fogão a lenha”, sem considerar esta expressão um erro gramatical, mas sim uma variante linguística, próxima à oralidade.



### 3- Produção/ Autocrítica

Nesta parte, eu deveria relatar o processo técnico de produção da reportagem, como diagramação, escolha e tamanho das fontes, disposição das imagens e texto nas páginas, mas, por questão de carência de conhecimento no assunto, preferi deixar esta missão a cargo do diagramador. Vou fazer então, aqui, uma autocrítica, proposta feita ao meu orientador, que concordou com a permuta da “Produção” pela “Autocrítica”.

Logo que comecei a buscar fontes para a reportagem, me deparei com a pergunta que não quis calar (e ainda não calou): Quem é o Caipira, afinal de contas? Por ter buscado entrevistados em Piraju, pequena cidade do interior, parti do princípio que qualquer pessoa ali seria, dependendo da avaliação feita, caipira, por nascer e viver numa cidade pequena.

Mas claro, não seria qualquer habitante que teria autoridade para discorrer sobre a vida no campo, obviamente, as pessoas indicadas seriam as que trabalham/trabalharam no campo por uma boa parte da vida.

Na fase de elaboração do projeto, a ideia era a de mostrar a vida do caipira de uma forma mais humanista que os livros de sociologia se propuseram até então. Nestes estudos, os caipiras ou camponeses eram tratados como um grupo social, na forma generalizada, em momento algum foi concedida voz a essas pessoas, para que elas falassem de suas experiências, de suas vidas, de suas ideias como protagonistas da história, e não como só mais um elemento num mundo de caipiras, digamos.

A proposta inicial era criar um vínculo com os personagens de modo que eles me contassem suas histórias de vida, seus projetos e suas perspectivas perante a vida no campo com fluência, o que não ocorreu conforme o esperado, porque apenas uma visita para cada entrevistado não foi o bastante para a criação de uma amizade que proporcionasse confiança absoluta entre nós, as entrevistas então, em sua maioria, não assumiram a forma de diálogo que eu pretendia, visto que alguns entrevistados ficaram um pouco envergonhados em dar entrevista e procuravam responder brevemente e sem fugir do tema que eu propunha. Constatei, no final, que os antropólogos e sociólogos foram mais bem sucedidos que eu na etapa de “conseguir a confiança plena” do caipira por terem vivido com eles por um período, e não feito apenas uma visita ou outra para conseguir as informações para o trabalho.

De todas as fontes, as que mais se sentiram confortáveis para tornar a entrevista uma conversa foram o radialista Serginho Paulista, o agrônomo Ronaldo Ferreira e Seu Victor Ribeiro, pelas personalidades extrovertidas. Já em relação a Seu Flávio Biroqui e João Marcondes, o desafio foi um pouco maior, pois embora ambos tivessem se prontificado com solicitude a me ajudar com a reportagem, eram pessoas mais tímidas que procuravam responder às perguntas apenas com monossílabos. Notei que eles tinham uma certa dificuldade em me enxergar como uma “colega” com a qual eles podiam falar à vontade, enfim, ser eles mesmos, não precisando me considerar como uma fiscal no Censo do IBGE, por exemplo.

A maior “decepção” em relação ao trabalho, entretanto, foi notar ao seu término que não há um veículo ideal para sua publicação. Nenhuma revista de circulação nacional o publicaria, sendo que retrata uma pequena cidade desconhecida pela maior parte dos leitores brasileiros, e as revistas regionais (no caso a Inteligente e a Essencial, de Santa Cruz do Rio Pardo, não dedicam espaço para esse tipo de conteúdo).

A matéria acabou sendo publicada, afinal, no Jornal Observador de Piraju na edição de 19 de novembro de 2011. Vale frisar que o jornal em questão é semanal, circulando apenas aos sábados, acabando por assumir, assim, a linguagem de revista em muitos casos. Além disso, o fato da reportagem contar com a fala de diversas personalidades pirajuenses contribuiu com o fator de identificação, muito relevante no jornalismo de interior (ou cidadão, como chamam), pois os leitores conhecem os personagens da reportagem, podendo ser amigos, vizinhos ou até mesmo parentes. A matéria de revista, no fim, saiu num jornal.

O número de páginas esperado também não conferiu com as expectativas iniciais. As informações que julguei que pudessem render 10 páginas renderam metade disso após a escrita e as edições, mas acredito que esta surpresa tenha seu lado positivo, pois tornou o texto mais leve e mais sucinto.

Mesmo se tratando de um texto curto de poucas páginas, tive dificuldades em escrever, pois além de umas poucas experiências nas aulas de técnica redacional, nunca tinha escrito um texto para revista com mais de 4 mil caracteres.

Escrever um texto de revista foi um desafio. Abordar tal tema; outro. Apesar das adversidades, avaliei positivamente o resultado final a título de projeto experimental - um tema complexo, porém numa linguagem acessível para variados tipos de público.

#### 4- Anexos:

##### 4.1- Urupês

##### *Monteiro Lobato*

Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Rondons que, ao invés de imaginarem índios num gabinete, com reminiscências de Chateaubriand na cabeça e a *Iracema* aberta sobre os joelhos, metem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho.

Morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como o sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobrelevava em beleza d'alma e corpo.

Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci.

Por felicidade nossa – a de D. Antonio de Mariz – não os viu Alencar; sonhou-os qual Rousseau. Do contrário lá teríamos o filho de Arará a moquear a linda menina num bom braseiro de pau brasil, em vez de acompanhá-la em adoração pelas selvas, como o Ariel benfazejo do Paquequer.

A sedução do imaginoso romancista criou forte corrente. Todo o clã plumitivo deu de forjar seu indiozinho refogado de Peri e Atala. Em sonetos, contos e novelas, hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de aimorés sanhudos, com virtudes romanas por dentro e penas de tucano por fora.

Vindo o público a bocejar de farto, já céptico ante o crescente desmantelo do ideal, cessou no mercado literário a procura de bugres homéricos, inúbias, tacapes, borés, piágas e virgens bronzeadas. Armas e heróis desandaram cabisbaixos, rumo ao porão onde se guardam os móveis fora de uso, saudoso museu de extintas pilhas elétricas que a seu tempo galvanizaram nervos. E lá acamam poeira cochichando reminiscências com a barba de D. João de Castro, com os frankisks de Herculano, com os frades de Garrett e que tais...

Não morreu, todavia.

Evoluiu.

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “caboclismo”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; a ocáira virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Perís e Ubirajaras.

Estes setembrino rebrotar duma arte morta inda se não desbagoou de todos os frutos. Terá o seu “I Juca Pirama”, o seu “Canto do Piaga” e talvez dê ópera lírica.

Mas, completado o ciclo, virão destroçar o inverno em flor da ilusão indianista os prosaicos demolidores de ídolos – gente má e sem poesia. Irão os malvados esgaravatar o ícone com as curetas da ciência. E que feias se hão de entrever as caipirinhas cor de jambo de Fagundes Varela! E que chambões e sornas os Peris de calça, camisa e faca à cinta!

Isso, para o futuro. Hoje ainda há perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o “Ai Jesus!” nacional.

É de ver o orgulhoso entono com que respeitáveis figurões batem no peito exclamando com altivez: sou raça de caboclo!

Anos atrás o orgulho estava numa ascendência de tanga, inçada de penas de tucano, com dramas íntimos e flechaços de curare.

Dia virá em que os veremos, murchos de prosápia, confessar o verdadeiro avô: – um dos quatrocentos de Gedeão trazidos por Tomé de Souza<sup>1</sup> num barco daqueles tempos, nosso mui nobre e fecundo “Mayflower”.

Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beijo, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, ‘magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de Novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumerindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferrotada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jéca, antes de agir, acocora-se.

Jéca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie.

Hei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada d'esguicho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência.

- "Não vê que...

De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para "aqueotá-lo", imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostas um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de três palmitos.

Pobre Jéca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jéca mercador, Jéca lavrador, Jécafisólogo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo advinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher – cocos de tucum ou jissara, guabirobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões, orquídeas ou artefatos de taquara-poca – peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador ou utensílios de madeira mole – gamelas, pilõesinhos, colheres de pau.

Nada Mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço – e nisto vai longo.

Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-Barro. Pura biboca de bosquimano. Mobília, nenhuma. A cama é uma espipada esteira de peri posta sobre o chão batido.

Às vezes se dá ao luxo de um banquinho de três pernas – para hóspedes. Três pernas permitem equilíbrio inútil, portanto, meter a Quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão. Para que assentos, se a natureza os dotou de sólidos, rachados calcanhares sobre os quais se sentam?

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo – colher, garfo e faca a um tempo?

No mais, umas cuias, gamelinhas, um pote esbeçado, a pichorra e a panela de feijão.

Nada de armários ou baús. A roupa, guarda-a no corpo. Só tem dois pares de calças, um que traz no uso e outro na lavagem.

Os mantimentos apaióla nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso à cumieira, de gancho na ponta e um disco de lata no alto, ali pendura o toucinho, a salvo dos gatos e ratos.

Da parede pende a espingarda picapau, o polvarinho de chifre, o S. Benedito defumado, o rabo de tatu e as palmas bentas de queimar durante as fortes trovoadas. Servem de gaveta os buracos da parede.

Seus remotos avós não gozaram maiores comodidades. Seus netos não meterão Quarta perna ao banco. Para que? Vive-se bem sem isso.

Se pelotas de barro caem, abrindo seteiras na parede, Jéca não se move a repô-las. Ficam pelo resto da vida os buracos abertos, a entremostrarem nesgas de céu.

Quando a palha do teto, apodrecida, greta em fendas por onde pinga a chuva, Jéca, em vez de remendar a tortura, limita-se, cada vez que chove, a aparar numa gamelinha a água gotejante...

Remendo... Para que? Se uma casa dura dez anos e faltam “apenas” nove para que ele abandone aquela? Esta filosofia economiza reparos.

Na mansão de Jéca a parede dos fundos bojou para fora um ventre empanzinado, ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela umidade, oscilam na podriqueira do baldrame. Afim de neutralizar o desaprumo e prevenir suas conseqüências, ele grudou na parede uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarela – santo de mascate.

- “Por que não remenda essa parede, homem de Deus?

- “Ela não tem coragem de cair. Não vê a escora?

Não obstante, “por via das dúvidas” , quando ronca a trovoadas Jéca abandona a toca e vai agachar-se no ôco dum velho embirussu do quintal – para se saborear de longe com a eficácia da escora santa.

Um pedaço de pau dispensaria o milagre! mas entre pendurar o santo e tomar da foice, subir ao morro, cortar a madeira, atorá-la, baldeá-la e especar a parede, o sacerdote da Grande lei do Menor Esforço não vacila. É coerente.

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira. Nem árvores frutíferas, nem horta, nem flores – nada revelador de permanência.

Há mil razões para isso; porque não é sua a terra porque se o “tocarem” não ficará nada que a outrem aproveite; porque para frutas há o mato; porque a “criação” come; porque...

- “Mas, criatura, com um vedozinho por ali... A madeira está à mão, o cipó é tanto...”

Jéca, interpelado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nu, coça a cabeça e cuspihla.

- “Não paga a pena”.

Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive.

Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O plantio se faz com um palmo de rama fincada em qualquer chão. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. A mandioca é sem vergonha.

Bem ponderado, a causa principal da lombeira do caboclo reside nas benemerências sem conta da mandioca. Talvez que sem ela se pusesse de pé e andasse. Mas enquanto dispuser de um pão cujo preparo se resume no plantar, colher e lançar sobre brasas, Jéca não mudará de vida. O vigor das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente. Se a poder de estacas e diques o holandês extraiu de um brejo salgado a Holanda, essa jóia do esforço, é que ali nada o favorecia. Se a Inglaterra brotou das ilhas nevoentas da Caledônia, é que lá não medrava a mandioca. Medrasse, e talvez os víssemos hoje, os ingleses,

tolhiços, de pé no chão, amarelentos, mariscando de peneira no Tamisa. Há bens que vêm para males. A mandioca ilustra este avesso de provérbio.

Outro precioso auxiliar da calaçaria é a cana. Dá rapadura, e para Jéca, simplificador da vida, dá garapa. Como não possui moenda, torce a pulso sobre a cuia de café um rolete, depois de bem massetados os nós; açucara assim a beberagem, fugindo aos trâmites condutores do caldo de cana à rapadura.

Todavia, *est modus in rebus*. E assim como ao lado do restolho cresce o bom pé de milho, contrasta com a cristianíssima simplicidade do Jéca a opulência de um seu vizinho e compadre que “está muito bem.” A terra onde mora é sua. Possui ainda uma égua, monjolo e espingarda de dois canos. Pesa nos destinos políticos do país com o seu voto e nos econômicos com o polvilho azedo de que é fabricante, tendo amealhado com ambos, voto e polvilho, para mais de quinhentos mil réis no fundo da arca.

Vive num corrupio de barganhas nas quais exercita uma astúcia nativa muito irmã da de Bertoldo. A esperteza última foi a barganha de um cavalo cego por uma égua de passo picado. Verdade é que a égua mancava das mãos, mas ainda assim valia dez mil réis mais do que o rossinante zanaga.

Esta e outras celebrizaram-lhe os engrimanços poteiros num raio de mil braças, grangeando-lhe a incondicional e babosa admiração do Jéca, para quem, fino como o compadre, “home” ... nem mesmo o vigário de Itaóca!

Aos domingos vai à vila bifurcado na magreza ventruda da Serena; leva apenso à garupa um filho e atrás o potrinho no trote, mais a mulher, com a criança nova enrolada no chale. Fecha o cortejo o indefectível Brinquinho, a resfolgar com um palmo de língua de fora.

O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras, entala os pés num alentado sapatão de bezerro; ata ao pescoço um colarinho de bico e, sem gravata, ringindo e mancando, vai pegar o diploma de eleitor às mãos do chefe Coisada, que lho retém para maior garantia da fidelidade partidária.

Vota. Não sabe em quam, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafunhos a que chama “sua graça”.



Se há tumulto, chuchurrea de pé firme, com heroísmo, as porretadas oposicionistas, e ao cabo segue para a casa do chefe, de galo cívico na testa e colarinho sungado para trás, afim de novamente lhe depor nas mão o “diploma”.

Grato e sorridente, o morubixaba galardoa-lhe o heroísmo, flagrantemente documentado pelo latejar do couro cabeludo, com um aperto de munheca e a promessa, para logo, duma inspetoria de quarteirão.

Representa este freguês o tipo clássico do sitiante já com um pé fora da classe. Exceção, díscolo que é, não vem ao caso. Aqui tratamos da regra e a regra é Jéca Tatu.

O mobiliário cerebral de Jéca, à parte o succulento recheio de superstições, vale o do casebre. O banquinho de três pés, as cuias, o gancho de toucinho, as gamelas, tudo se reedita dentro de seus miolos sob a forma de idéias: são as noções práticas da vida, que recebeu do pai e sem mudança transmitirá aos filhos.

O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que há sempre terras para diante, que muito longe está a Corte com os graúdos e mais distante ainda a Bahia, donde vêm baianos pernósticos e cocos.

Perguntem ao Jéca quem é o presidente da República.

- “O homem que manda em nós tudo?

- “Sim.

- “Pois de certo que há de ser o imperador.

Em matéria de civismo não sobe de ponto.

- “Guerra? T’esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato p’ra mais de cinco anos por causa da guerra grande. (4) Eu, para escapar do “recrutamento”, sou inté capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço...

Guerra, defesa nacional, ação administrativa, tudo quanto cheira a governo resume-se para o caboclo numa palavra apavorante – “recrutamento”.

Quando em princípios da Presidência Hermes andou na balha um recenseamento esquecido a Offenbach, o caboclo tremeu e entrou a casar em massa. Aquilo “havera de ser recrutamento”, e os casados, na voz corrente, escapavam à redada.

A sua medicina corre parêlhas com o civismo e a mobília – em qualidade. Quantitativamente, assombra. Da noite cerebral pirilampejam-lhe apozemas, cerotos, arrobes e eletuários escapos à sagacidade cômica de Mark Twain.

Compendia-os um Chernoviz não escrito, monumento de galhofa onde não há rir, lúgubre como é o epílogo. A rede na qual dois homens levam à cova as vítimas de semelhante farmacopéia é o espetáculo mais triste da roça.

Quem aplica as mezinhas é o “curador”, um Eusébio Macário de pé no chão e cérebro trancado como muita de taquaruçu. O veículo usual das drogas é sempre a pinga – meio honesto de render homenagem à deusa Cachaça, divindade que entre eles ainda não encontrou heréticos.

Doenças hajam que remédios não faltam.

Para bronquite, é um porrete cuspir o doente na boca de um peixe vivo e soltá-lo: o mal se vai com o peixe água abaixo...

Para “quebranto de ossos”, já não é tão simples a medicação. Tomam-se três contas de rosário, três galhos de alecrim, três limas de bico, três iscas de palma benta, três raminhos de arruda, três ovos de pata preta (com casca; sem casca desanda) e um saquinho de picumã! mete-se tudo numa gamela d’água e banha-se naquilo o doente, fazendo-o tragar três goles da zurrapa. É infalível.

O específico da brotoeja consiste em cozimento de beijo de pote para lavagens. Ainda há aqui um pormenor de monta; é preciso que antes do banho a mãe do doente molhe na água a ponta de sua trança. As brotoejas saram como por encanto.

Para dor de peito que “responde na cacunda”, cataplasma de “jasmim de cachorro” é um porrete.

Além desta alopatia, para a qual contribui tudo quanto de mais repugnante e inócuo existe na natureza, há a medicação simpática, baseada na influência misteriosa de objetos, palavras e atos sobre o corpo humano.

O ritual bizantino dentro de cujas maranhas os filhos do Jéca vêm ao mundo, e do qual não há fugir sob pena de gravíssimas conseqüências futuras, daria um infólio d’alto fôlego ao Sílvia Romero bastante operoso que se propusesse a compendiá-lo.

Num parto difícil nada tão eficaz como engolir três caroços de feijão mouro, de passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça, também pelo avesso, o seu chapéu. Falhando esta simpatia, há um derradeiro recurso: colar no ventre encruado a imagem de S. Benedito.

Nesses momentos angustiosos outra mulher não penetre no recinto sem primeiro defumar-se ao fogo, nem traga na mão caça ou peixe. A criança morreria

pagã. A omissão de qualquer destes preceitos fará chover mil desgraças na cabeça do chorincas recém- nascido.

A posse de certos objetos confere dotes sobrenaturais. A invulnerabilidade às facadas ou cargas de chumbo é obtida graças à flor da samambaia.

Esta planta, conta Jéca, só floresce uma vez por ano, e só produz em cada samambaia uma flor. Isto à meia noite, no dia de S. Bartolomeu. É preciso ser muito esperto para colhe-la, porque também o diabo anda à cata. Quem consegue pegar uma, ouve logo um estouro e tonteia ao cheiro de enxofre – mas livra-se de faca e chumbo pelo resto da vida.

Todos os volumes do Larousse não bastariam para catalogar-lhes as crendices, e como não há linhas divisórias entre estas e a religião, confundem-se ambas em maranhada teia, não havendo distinguir onde pára uma e começa outra.

A idéia de Deus e dos santos torna-se jéco-cêntrica. São os santos os graúdos lá de cima, os coronéis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nela ajudando-os ou castigando-os, como os metediços deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrepe, o feijão entornado, o pote que rachou, o bicho que arruinou – tudo diabruras da corte celeste, para castigo de más intenções ou atos.

Daí o fatalismo. Se tudo movem cordéis lá de cima, para que lutar, reagir? Deus quis. A maior catástrofe é recebida com esta exclamação, muito parenta do “AllahKébir” do beduíno.

E na arte?

Nada.

A arte rústica do campônio europeu é opulenta a ponto de constituir preciosa fonte de sugestões para os artistas de escol. Em nenhum país o povo vive sem a ela recorrer para um ingênuo embelezamento da vida. Já não se fala no camponês italiano ou teutônico, filho de alfobres mimosos, propícios a todas as florações estéticas. Mas o russo, o hirsuto mujique a meio atolado em barbarie crassa. Os vestuários nacionais da Ucrânia nos quais a cor viva e o sarapantado da ornamentação indicam a ingenuidade do primitivo, os isbas da Lituânia, sua cerâmica, os bordados, os móveis, os utensílios de cozinha, tudo revela no mais rude dos campônios o sentimento da arte.

No samoieda, no pele-vermelha, no abexim, no Papua, um arabesco ingênuo costuma ornar-lhes as armas – como lhes ornaram a vida canções repassadas de ritmos sugestivos.

Que nada é isso, sabido como já o homem pré-histórico, companheiro do urso das cavernas, entalhava perfis de mamutes em chifres de rena.

Egresso à regra, não denuncia o nosso caboclo o mais remoto traço de um sentimento nascido com o troglodita.

Esmerilhemos o seu casebre: que é que ali denota a existência do mais vago senso estético? Uma chumbada no cabo do relho e uns ziguezagues a canivete ou fogo pelo roliço do porretinho de guatambú. É tudo.

Às vezes surge numa família um gênio musical cuja fama esvoaça pelas redondezas. Ei-lo na viola concentra-se, tosse, cuspiça o pigarro, fere as cordas “tempera”, E fica nisso, no tempero.

Dirão: e a modinha?

A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no país, é obra do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estéticos, borbulha d’envolta com o sangue selvagem, alegre e são do negro.

O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lúgubres.

Não dança senão o cateretê aladainhado.

Não esculpe o cabo da faca, como o cabila.

Não compõe sua canção, como o felá do Egito.

No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisiaca em escachão permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio da tanta vida, não vive...

## 4.2- Jeca Tatu- A Ressurreição

*Monteiro Lobato*

### I

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários fichinhas pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

- Que grandíssimo preguiçoso!

### II

Jeca Tatu era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.

- Por que não traz de uma vez um feixe grande? Perguntaram-lhe um dia.

Jeca Tatu coçou a barbicha rala e respondeu:

- Não paga a pena.

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar arvores de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.

- Por que você bebe, Jeca? Diziam-lhe.

- Bebo para esquecer.

- Esquecer o quê?

- Esquecer as desgraças da vida.

E os passantes murmuravam:

- Além de vadio, bêbado...

### III

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cansassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.

Jeca possuía ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarmento, mas bom companheiro e leal amigo.

Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois apesar dos ganidos do cachorro, Jeca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por que? Desânimo, preguiça...

As pessoas que viam aquilo franziam o nariz.

- Que criatura imprestável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

#### IV

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.
- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?
- É que ele mata.
- E porque você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

- Quá! Não paga a pena...
- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bebado, idiota, era o que todos diziam.

#### V

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo.

- Amigo Jeca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de anquilostomiase.

- Anqui... o quê?
- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.
- Essa tal maleita não é a sezão?
- Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo é a mesma coisa, está entendendo? A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio, ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. O que você tem é outra coisa. É amarelão.

## VI

O doutor receitou-se o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”

- Ouvi, sim, senhor!
- Pois é isso, rematou o doutor, tomando o chapéu. A chuva passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei de volta.
- Até por lá, sêo doutor!

Jeca ficou cismando. Não acreditava muito nas palavras da ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras.

Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal...

## VII

Quando o doutor reapareceu, Jeca estava bem melhor, graças ao remédio tomado. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas.

- Veja, sêo Jeca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais anquilostomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês. Tomando este remédio você bota p’ra fora todos os anquilostomos que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Assim fica livre da doença pelo resto da vida.

Jeca abriu a boca, maravilhado.

- Os anjos digam amém, sêo doutor!

## VIII

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era “positivo” e dos tais que “só vendo”. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

- Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

- Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pela com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos assombrado.

- E não é que é mesmo? Quem “havera” de dizer!...

- Pois é isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que a ciência disser.

- Nunca mais! Daqui por diante nha ciência está dizendo e Jeca está jurando em cima! T'esconjuro! E pinga, então, nem p'ra remédio...

## IX

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca.

A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as arvores tremiam de pavor. Era *pan, pan, pan...* horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair.

Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano.

- Descanse um pouco, homem! Assim você arrebenta... diziam os passantes.

- Quero ganhar o tempo perdido, respondia ele sem largar do machado. Quero tirar a prosa do “intaliano”.

## X

Jeca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.

- Onça! Exclamou ele. É onça e eu aqui sem nem uma faca!...



Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-se tamanho murro na cara, que a bicha rolou no chão, tonta. Jeca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a

- Conheceu, papuda? Você pensa então que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei remédio do bom e uso botina ringideira...

A companheira da onça, ao ouvir tais palavras, não quis saber de histórias – azulou! Dizem que até hoje está correndo...

## XI

Ele, que antigamente só trazia três pausinhos, carregava agora cada feixe de lenha que metia medo. E carregava-os sorrindo, como se o enorme peso não passasse de brincadeira.

- Amigo Jeca, você arrebenta! Diziam-lhe. Onde se viu carregar tanto pau de uma vez?

- Já não sou aquele de dantes! Isto para mim agora é canja, respondia o caboclo sorrindo.

- Quando teve de aumentar a casa, foi a mesma coisa. Derrubou no mato grossas perobas, atorou-as, lavrou-as e trouxe no muque para o terreiro as toras todas. Sozinho!

- Quero mostrar a esta paulama quanto vale um homem que tomou remédio de Nha Ciência, que usa botina cantadeira e não bebe nem um só martelinho de cachaça.

O italiano via aquilo e coçava a cabeça.

- Se eu não tropicalar direito, este diabo me passa na frente, *Per Bacco!*

## XII

Dava gosto ver as roças do Jeca. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra. O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza.

O italiano abria a boca, admirado, e confessava nunca Ter visto roças assim.

E Jeca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

- Mas para que tanta roça, homem? Ele respondia:

- É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel...

E ninguém duvidava mais. O italiano dizia:

- E forma mesmo! E vira mesmo coronel! *Per la Madonna!*...

### **XIII**

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo da transformação do seu doente.

Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.

Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando contentes como passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora!

- Isso também é demais, sêo Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

- Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles aparecem por aqui, vêem isso e não se esquecem mais da história.

### **XIV**

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, *fon-fon! fon-fon!*...

As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.

- Quero falar a língua dos bifes para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa.

O seu professor dizia:

- O Jeca só fala inglês agora. Não diz porco; é *pig*. Não diz galinha! É *hen*... Mas de álcool, nada. Antes quer ver o demônio do que um copinho da “branca”...

### **XV**

Jeca só fumava charutos fabricados especialmente para ele, e só corria as roças montado em cavalos árabes de puro sangue.

- Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um “estranja” legítimo, até na fala.

Na sua fazenda havia de tudo. Campos de alfafa. Pomares belíssimos com quanta fruta há no mundo. Até criação de bicho da seda; Jeca formou um amoreiral que não tinha fim.

- Quero que tudo aqui ande na seda, mas seda fabricada em casa. Até os sacos aqui da fazenda têm que ser de seda, para moer os invejosos...

E ninguém duvidava de nada.

- O homem é mágico, diziam os vizinhos. Quando assenta de fazer uma coisa, faz mesmo, nem que seja um despropósito...

## **XVI**

A fazenda do Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão, e um repuxo de milho atraía todo o galinhame...

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores lá longe.

Chegou a mandar buscar no Estados Unidos um telescópio.

- Quero aqui desta varanda ver tudo que se passa em minha fazenda.

E tanto fez, que viu. Jeca instalou os aparelhos e assim pode, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio do telescópio, o que os camaradas estavam fazendo.

## **XVII**

Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários Postos de Maleita, onde tratava os enfermos de sezões; e também Postos de Anquilostomose, onde curava os doentes de amarelão e outras doenças causadas por bichinhos nas tripas.

O seu entusiasmo era enorme. "Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia ele. O meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia que devora o brasileiro..."

E a curar gente da roça passou Jeca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estátua, nem grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda morreu de consciência tranqüila. Havia cumprido o seu dever até o fim.

## **XVIII**

Meninos: nunca se esqueçam desta história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande benefício, é para você um alto negócio. Você verá o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí.

#### 4.3- O Caipira como ele é

*Cornélio Pires*

Movendo e estudando tipos de “caipiras” nesta obra, especialmente caipiras paulistas, ao classifica-los, não faço referências ao “cafuz” e ao “caboré”, raros neste Estado.

O nosso caipira tem sido uma vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras.

Sem conhecimento direto do assunto, baseados em rápidas observações sobre “mumbavas” e “agregados”, verdadeiros parasitas só encontrados em propriedades de “brasileiros”, prejudicialmente hospitaleiros, certos escritores dão campo ao seu pessimismo, julgando o “todo” pela “parte”, justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto do ridículo, inútil, vadio, ladrão, bêbado, idiota e “nhampã”!

E o nosso progresso? E a grandeza e desenvolvimento desta pátria de mais de trinta milhões de habitantes? E as nossas riquezas agrícolas e pastoris? - Quem as desenvolve e sustenta? Os nossos amigos estrangeiros, em pequeno número, relativamente à população nacional? Eles nos têm ajudado, mas toda base, toda a garantia, toda a segurança e riqueza da pátria estão no fazendeiro brasileiro, no caipira lavrador ou campeiro, nos seus pastoreios pelas claras e monótonas solidões das verdejantes campinas sertanejas.

Só o brasileiro é capaz de desbravar os nossos sertões – e para tanto é preciso ser um “forte”- e cultivar as fertilíssimas terras, carregando em lombo de burro os produtos de suas colheitas para o mercado, para as “pontas de linha”, não se deixando vencer pela falta de estradas.

O caipira é um obscuro e é um forte!

Ei-lo tangendo suas “tropas” cargueiras, empoeiradas ou cobertas de lama, pelos caminhos tortuosos e esburacados, furando matas virgens, galgando montanhas ásperas, vadeando rios revoltos e pestíferos, afrontando pantanais e “atoledos”, atravessando campos e campos, vencendo dezenas de léguas a pé ou arcado e molengão sobre o burro manteúdo ao monótono “Belém-belém” do sino pendurado ao pescoço da madrinha ruana!

É duro e constante na luta! Conforto? Deixá-lo aos da cidade...

E, por isso, há de vencer, mesmo contra a vontade do “civilizado” que o avilta e o cobre de apodos e defeitos.

\*\*\*

“Caipiras”... Mas que são os caipiras?

São os filhos das nossas brenhas, de nossos campos, de nossas montanhas e dos ubérrimos vales de nossos piscosos, caudalosos, encaichoeirados e inumeráveis rios, “acostelados” de milhares de ribeirões e riachos.

É fato: o caipira puxador de enxada, com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adomador, tecedor de taquares e guembê, ou construtor de pontes. Basta-lhe uma só” explicação bem clara; ele responderá:

”Se os ôtro fáiz... proque não há de fazê!... Não agaranto munto, mais vô exprementá”.

Os caipiras não são vadios: ótimos trabalhadores, têm crises de desânimo quando não trabalham em suas terras e são forçados a trabalhar como camaradas, a jornal. Nesse caso o caipira é, quase sempre, uma vítima.

O trabalhador estrangeiro tem suas cadernetas, seus contratos de trabalho, a defesa do “Patronato Agrícola” e seus cônsoles... Trabalha e recebe dinheiro.

Ao nacional, com raras exceções o patrão paga mal e em vales com valor em determinadas casas, onde os preços são absurdos e os pesos arrobalhados; nesse

caso o caipira não tem direito a reclamações nem pechinches, está comprando fiado... com o seu dinheiro, o fruto do seu suor, transformado em pedaço de caderneta velha rabiscada a lápis.

E querem que o brasileiro tenha mais ânimo!

Ânimo não lhe falta, quando trabalha em suas próprias terras. As suas algibeiras e o seu crédito nas lojas e vendas o confirmam.

Deixem os fazendeiros de explorar o nacional, pagando-lhe em moeda corrente; que ele veja e sinta o dinheiro, o seu dinheiro, fruto do seu labor, e ele será outro.

Dócil e amoroso é todo camponês; sincero e afetivo é o caipira.

Não cuido aqui do caipira da cidade. Esse sabe ler, é bom, é fino, e só lhe falta o traquejo das viagens, o desenleio e o desembaraço adquiridos no contínuo contato com as populações dos grandes centros.

Esse é menos desconfiado que o do sítio, mas revela grande timidez num meio grande e estranho, imaginando que todo mundo o observa, chasqueando-os, trocando-lhe o andar e o jeito.

Da cidade ou do sítio o caipira é sempre prejudicado pelo seu excesso de modéstia. É que em nossa terra, trancada de magníficas inteligências, parece que toda a gente é obrigada a ter talento! Daí o pouco caso a que são votados homens que brilhariam em outras terras.

A música e o canto roceiros são tristes, chorados em falsete; são um caldeamento da tristeza do africano escravizado, num martírio contínuo do português exilado e sentimental, do bugre perseguido e cativo.

O canto caipira comove, despertando impressões de senzalas e tapéras. Em compensação, as danças são alegres e os versos quase sempre jocosos.

O Caipira Branco

Neste caso, branco quer dizer de melhor estirpe, meia mescla, descendentes de estrangeiros brancos... gente que possa destrinçar a genealogia da família até o trisavô, confirmando pelo procedimento o nome e a boa fama dos seus genitores e progenitores. Podem ser alvos, morenos ou trigueiros... são brancos.

Descendem geralmente dos primeiros povoadores, fidalgos ou nobres decaídos de suas pompas, ou de brancos europeus atraídos para a nossa terra pela árvore das patacas e que, nos sertões de então, fecundos latinos, deixaram a sua descendência.

A média de filhos do caipira branco é de 8, e ele consegue criá-los.

São esses os caipiras reclamadores de escolas. Seus filhos, engarupados no pangaré, freqüentam aulas na cidade a uma e meia léguas de distância, quando não há escola no bairro.

Por mais pobres que sejam, com seus cobrinhos, suas terras, porque eles são sempre proprietários, podem andar remendados, mas andam limpos. Usam chinelos de liga ou cara de gato, sapatões de vaqueta branca-amarelada ou botinas de elástico, pés não muito grandes, porém altos; barba abundante e os lóbulos da orelha gordos e destacados das faces.

Não dispensam o paletó, não usam colete, não passam sem um lenço amarrado no pescoço; chapéu de pano, calça de riscado, e uma boa cinta de couro curtido, couro de sapateiro, como dizem eles.

As mulheres são asseadas e amorosas, fugindo às cores berrantes tão apreciados pelos caipiras caboclos. Excessivamente pudicas, suas filhas aos sete para oito anos já usam saias compridas...

Seus penteados prediletos são o pericote na nuca ou no alto da cabeça; a trança longa e cheia, ou duas tranças pendentes, usando também, quando pouco cabeludas, trancinhas em rodilha.

Os caipiras brancos, mesmo quando pobres, são respeitados pelo caboclo pobre ou rico e pelos pretos.



Se os filhos são analfabetos, em compensação são gentis e bem educados.

Pouco dados à cachaça, são sóbrios e alegres, comedidos nos gestos, compassivos, bonachões e pacientes.

As suas casas, apesar de ser de barro e telha vã, são asseadas, bem varridas, ostentando nas linhas enxadas envernizadas pelo uso, ficando atrás da porta os machados e foices.

Nas estanqueiras não faltam a espingarda, a patrona de couro de jaguatirica o laço, o cabresto, o bernal, o freio, o serigote ou socado, o corote, o samburá e um pala.

Não são velhacos, nem carvoteros, nem gaúchos: têm sempre de seu. Rascam regularmente nas violas de doze cordas, com seus canotilhos, toeiras e turina.

Riem abertamente. Têm o falar sossegado e bondoso, de tudo se admirando, a mostrar interesse pela conversa mais insossa e secante, só para serem delicados.

Não dispensam a sua cachorrada paqueira e veadeira, com que fazem seu desporto aos domingos ou dias de guarda. Amam os seus cães, que não cedem por dinheiro nenhum. Põe-lhes nomes originais: Bismarque – Sultão – Paxá – Baliza – Clarim – Palhaço – Fidalgo – Sem Nome – Que Importa – Espicula – Marengo – Piloto – Colibri – Corsário – Não Sei...

Como patrões, são verdadeiros amigos e companheiros de oito dos camaradas. Sabem adoçar a voz e a ordem com um sorriso.

Têm, quase sempre, em casa, um compartimento assoalhado para os hóspedes, pois são os mais hospitaleiros dos homens.

Quando moradores dos campos, suas casas ficam dentro de um mangueirão, com suas figueiras e coqueiros, pés de pinhão-paraguai, cochos em forquilhas, chiqueirão de um lado, paiol, uma horta-jardim e um modesto pomar.

Os ribeirinhos armam suas casas barreadas, rebocada e caiada no tope de uma ribanceira, num refego de vale ou no alto de uma poética barranca de rio.

São João e Santo Antônio são os seus santos prediletos e em todos os sítios se ostentam no mesmo mastro, costas com costas no mesmo caixilho, mastro pintado em gomos azuis e rosas.

Pelas cercas de pau-a-pique, pendentes e verdes, as “buchas”, as abobreiras e os croás cheirosos. Junto á porta, as pedras de afiar e de acentar o fio. No quintal as laranjeiras: lima, tangerina, tangerona, ananás, mexeriqueiras, azeda cascuda, seleta, limão doce, lima umbiguda, lima da Pérsia, cidreiras, jambeiros, além do abençoado pé de limão galego, que floresce toda a vida, o ano inteiro, até morrer. É o salvador dos doentes.

De lado fica a horta, misto de campo e de conservação de plantas medicinais. Ali estão em confusão o cravo de defunto, o coentro, a erva-cidreira, o cravo-chita, e outros cravos, a hortelã. O cravo é a flor predileta do caipira, figurando sempre na sua poesia.

### O Caipira Caboclo

Caipiras caboclos são os descendentes diretos dos bugres catequizados pelos primeiros povoadores do sertão. Se o caipira branco diz: “eu sou da família Amaral, Arruda, Pires, Ferraz, Almeida, Vaz, Barros, Lopes de Souza, Botelho, Toledo”, ou outra, dizem os caboclos: “eu sou da raça” de tal gente...

Estes caipiras quase nunca têm os lóbulos das orelhas, ou estes são completamente pegados.

Inteligentes e preguiçosos, velhacos e mantosos, barganhadores como ciganos, desleixados, sujos e esmulambados, dão tudo por um encosto de mumbava ou de capanga; são valentes, brigadores e ladrões de cavalos...

São uns poáias quando dão para pilintras, e então, deixam a preguiça de lado e a vaidade presta o seu serviço, tornando-os trabalhadores. Neste caso, o chá é mandar chumbar um dente a ouro e pôr uma coroa na frente.

Freqüentam os arredores das cidades. São valentes e ágeis, ligeiros como lambaris, arreganhando as magníficas e alvas dentaduras fazem um banzé-de-cuia de uma hora para outra por causa de uma catirina, pois são mulhereiros e dados a

galantes, com o seu andar gingado, bamboleante e gamenho. Estes “almofadinhas” caboclos, são raros, mas existem por todo o interior do Estado.

Geralmente os caipiras caboclos são madraços. Arranjando um cantinho no sítio do branco, ou numa fazenda, lá ficam munbaveando, tolerados pelos patrões... aos quais não prestam serviço.

Sua vida é caçar (com aviamentos arranjados aqui e ali à custa de pedinchices), pescar, dormir, fumar, beber pinga e tocar viola, enquanto a mulher, guedelhuda e imunda, vai pelos vizinhos, pidonha e descarada, filar dos bons trabalhadores o feijão, o tocinho, o açúcar, o café, a farinha e... um manajo de couve.

Os vizinhos dos caboclos só matam porco a tiro e sangram depois de morto, pois se o animal grita sob a faca esse é o dia das visitas...

Quando são muito trabalhadores, os caboclos se satisfazem com qualquer coisa: uns pé de couve, uma rocinha de mandioca, três pés de cebola de cheiro, batatas, abóboras e ... a serralha dá por si...

São marotos. Criam os filhos ao Deus-dará.

O traje do caboclo é repelente. Sua casa é imunda, de paredes esburacadas, coberta de sapé velhíssimo e podre, afogada pelos vegetais daninhos que lhe invadem o terreiro e vêm até a porta do quintal, trepando a “unha-de-gato” pelas paredes até a cumieira, de sociedade com o melão de S. Caetano.

A miséria envolve-lhe o lar. Cadelas magras e sarnentas a se coçar ao sol, cheias de bernes, completam o quadro, pois aqui nem o gato do caipira se encontra: tal casa não comporta ratos; se não há o que roer...

O caboclo...

Ei-lo de cocre à margem suja do ribeirão (não tem coragem de passar uma foice no pesqueiro) com sua vara-de-anzol quebrada e encanada com embira... O bambuzal fica perto, mas o caboclo não tem tempo para ir cortar uma vara nova.

Descalço, pés chatos, e esparramados, dedos cabeçudos, longos, em garra, fincados no chão: uma das pernas da calça arregaçada, outra a tombar; botões mal tapados pela vista da calça; uma cinta de correia de couro cru, estreita, de fivela esconsa; metade das fraudas para fora das calças vendendo farinha.

Pela aberta da camisa, na ilhaga, de quando em vez, enfia a mão de unhas curvas, longas e sujas e se coça pela costela num gozo infindo... A camisa aberta ao peito, sem botão, deixa ver os rosários de contas de capim, os bentinhos, um dente de porco ou de jacaré, e um patuá, que é um saquinho fechado de pano encebado, brilhante de sujice e de suor. Esse saquinho, envolve uma oração e uma pedra do Bom Jesus de Pirapora.

A oração serve para fechar o corpo contra balas e as coisa-feito. A tiracolo tem o caboclo um saquitel com fumo, palha, isqueiro de taquara com tampo de cuia, pedra de fogo e um pedaço de lima à guisa de fuzil.

Além de sujo, é roto. A mulher não lhe remenda a roupa e ele deixa ficar. A sua cabeleira emaranhada parece uma touceira de capim barba-de-bode, um enxu (9) ou ninho de corruíra d'água ; quando vem do mato traz a cabelama cheias de ciscos e pauzinhos secos. O seu chapéu de palha de piaçaba, afunilado, que já foi branco, hoje está envernizado, com uma cor indefinível, brilha e fede. Tem as abas caídas e comidas de barata.

Pobre caboclo... Creio que nunca tomou banho...

Coitado do meu patrício! Apesar dos governos os outros caipiras se vão endireitando à custa do próprio esforço, ignorantes de noções de higiene... Só ele, o caboclo, ficou mumbava, sujo e ruim! Ele não tem culpa... Ele nada sabe.

Mas, graças a Deus parece que esse tipo vai desaparecer.

Foi um desses indivíduos que Monteiro Lobato estudou, criando o Jeca Tatu, erradamente dado como representante do caipira em geral.

Ainda não estão perdidos os caipiras caboclos. Para salvá-los bastam duas coisas tomadas a sério: a escola e a obrigatoriedade do ensino... mas de verdade.

## O Caipira Preto

Caipiras pretos são os descendentes dos africanos já desaparecidos do Brasil.

São os bons brasileiros vítimas ainda das últimas influências da escravidão.

Almas caridosas e pacientes, generosas e humildes são os “pretos velhos”.

Vede-os ali, “conversando ao pé-do-fogo”, ou sentados numa pedra, no terreiro, ou na soleira de uma porta se aquecendo ao sol... Também estão rotos e esfarrapados... Pobres depois de terem, com seu suor, inundado as fazendas de brasileiros patrícios seus – de canaviais, algodoads e cafezais, enchendo-os de dinheiro, desse ouro abundante e bom!

Que é o preto velho?

Um farrapo de gente... é um bagaço da vida. É um hospital de doenças. Tem os pés inchados e rachados pelas frieiras, pelos espinhos, pela erisipela, pela elefantíase... O seu peito ronca e ringe cheio de asma!

E ele, o pobre preto velho, nos sorri, contando histórias de outros tempos, humilde, cabisbaixo, sem gestos, ou só gesticulando de quando em quando, tentando estender a mão “engruvinhada”, de dedos encroados, travada pelo reumatismo, mão com que tenta mostrar o porte de uma criança ou apontar o quartel de cana ou o talhão de “café-velho”, para além, muito além onde ele conheceu a mata-virgem e ouviu o estrondar dos jequitibás nas derribadas; onde ele viu erguer-se a lavoura nova do “sinhô” e onde amou a sua “crioula”...

Essa crioula hoje é a “preta-velha”, a mãe-preta” a “mamã” que tem qualquer coisa de Santa naqueles olhos bondosos, naqueles cabelos tão brancos! Ela é a miséria aliada à bondade; é a tristeza e o caminho; é o amor e a boa conselheira dos filhos daqueles que a torturaram explorando-lhe o trabalho.

Pobres pretos velhos! Nas grandes cidades, disputam aos cães, pela madrugada os restos das latas de lixo! Não podem pedir esmolas, eles, que só viveram para o trabalho... Não podem: a polícia não deixa: – são nacionais...

Felizmente os filhos dos “pretos-velhos” reagiram! São hoje o melhor braço da nossa lavoura e dos serviços de “estiva” no litoral.

Vejamos o “caipira-preto” novo.

Sua casa é quase sempre limpa; é coberta de sapé, mas é cercado de lavoura: tem sua plantação de cana, um pouco de café, e cereais: tem um “punhado” de santos no terreiro, em mastros: S. João, Santo Antônio, São Benedito. Ele é religioso e pena é que a aguardente, a “cachaça” o arraste para a tuberculose. A sua engenhoca, é tocada a pulso; ele é forte.

Um cachorro “jaguapoca”, pouco maior que um “jaguapeva” ronda sempre as capoeiras, assombrando tatus e defendendo as galinhas, dos “bichos do mato”.

Tem a sua horta e as suas frutas. Respira-se um grande bem-estar no seu “sitiéco”.

É trabalhador e não se deixa pisar pelos brancos – que muito estima e respeita – mas, por “qualquer-cousa” responde logo: – “Sinhô me descurpe... mais tempo de escravo já cabô!”

Aos domingos, chibante e limpo, aparece na cidade com as pretas pimponas e risonhas, mostrando lindas e magníficas dentaduras alvas num riso franco e feliz.

E as pretas garbosas e nadegudas como “içás” passeiam suas saias de chita, engomadas, sob paletós brancos de babados e golas enfeitadas de renda e entremeios vermelhos ou azuis, fazendo visitas e comprando “quitandas” nos tabuleiros à porta da igreja matriz.

Se os caipiras brancos são patriotas, os pretos suplantam-nos com grande vantagem. Sentem-se orgulhosos do nome do Brasil. Quantas páginas brilhantes foram escritas na nossa história pelo brasileiro-preto!

O novo caipira-preto é cavalheiresco e gentil. Em contato com o italiano, tendo, em compensação a estranha simpatia da italiana.

É batuqueiro, sambador, e “bate” dez léguas a pé para cantar um desafio num fandango ou “chacuaiá” o corpo num baile da roça.

## O Caipira Mulato

Oriundos do cruzamento de africanos ou brasileiros pretos com portugueses, e brasileiros brancos, raramente com o caboclo, o caipira-mulato é o mais vigoroso, ativo, o mais independente e o mais patriota dos brasileiros. Ele é bem o brasileiro que sabe amar o Brasil acima da própria família.

Lutando contra a prevenção do branco e fugindo, repelindo o preto, ficou numa situação especial e por isso procura sempre e sempre se elevar e se distinguir pelas suas ações.

Quando dá para pachola e falante... deixemo-lo.

Excessivamente cortês e galanteador para com as senhoras, nunca é humilde ante o patrão. Grande apreciador de sambas e bailes, não se mistura com o preto, tratando-o com certa superioridade, mas com carinho.

As suas mães, pretas, tratam-no com tanto mimo, com tanto carinho, por serem claros, que eles se tornam um tanto desprezadores de seus genitores maternos.

Nem sempre são proprietários.

Fiéis, são os bons-empregados, os bons boleeiros, os bons copeiros, os bons camaradas, os ótimos fatotum dos ricos... enquanto não forem tratados com desprezo.

Aparece agora no nosso Estado um novo tipo de caipira mulato, robusto e talentoso, destacando-se nos grandes centros, tratável e simpático: é o mestiço do italiano com a mulata ou do preto tão estimado por algumas italianas.

#### 4.4- Imagens:

##### Os Caipiras nas telenovelas



Julião Petruchio, de "O Cravo e a Rosa"



Nélío, de "Coração de Estudante"



À esquerda, Abner de "Morde e Assopra"; à direita, Sargento Xavier, da mesma novela.



## 5- Referências:

CANDIDO, Antônio. “Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida”. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

PIERSON, Donald. “Cruz das Almas”: Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

SANTOS, M. “O Espaço do Cidadão”. São Paulo: Nobel, 1987

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Os caipiras de São Paulo”: Brasiliense, 1983

YATSUDA, Enid. “O Caipira e os outros”. In: BOSI, Alfredo. “Cultura Brasileira: temas e situações”. São Paulo: Editora Ática, 1987.

SOUZA, Arão de Azevêdo. “Do discurso midiático a construção de uma identidade matuta: tensões entre mídia e literatura”:

HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós- modernidade”. Trad. Tomaz da Silva. Guaracira Lopes Louro – 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

CANCLINI, Néstor García. “Culturas Híbridas- estratégias para entrar e sair da modernidade”. São Paulo: EDUSP, 1997.

PIRES, Cornélio. “Conversas ao pé do fogo”. Itui: Ottoni Editora, 2002

LOBATO, Monteiro. Urupês. São Paulo: Brasiliense, 1992

LINHARES, A. A. C. “Linguagem e identidade cultural caipira no município de Mossamedes: por uma nova concepção acerca da linguagem caipira”. Artigo disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/agro/T34\\_linguagem.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/T34_linguagem.html)>  
Acesso em 05/08/2011

VILAS BOAS, Sérgio. “O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996

CUCHE, Denys. "A Noção de Cultura em ciências sociais". Bauru, Edusc, 1999.

PARRILA, Franciele Aline. "Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade?: a representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento (1982-2000)". Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.